

O JORNAL EM SALA DE AULA

Terezinha Mestrinelli*

Resumo: *O texto visa a orientar professores e alunos quanto ao uso do jornal em sala de aula. Para tanto, faz-se uma orientação dinâmica de leitura, por meio da qual o aluno pode ter a oportunidade de expor suas idéias e discutir a respeito da elaboração do texto, levando em conta a situação enunciativa e os objetivos do enunciador.*

Palavras-chave: *autor; leitor; interação; texto jornalístico; argumentação*

Muito tem-se falado do uso do jornal em sala de aula, principalmente nas escolas da Rede Pública de Ensino. Temos contado, entretanto, com pouca literatura que sirva de guia prático para as atividades que podem ser desenvolvidas nesse sentido. Visamos à formação de um aluno crítico e consciente, capaz de entender e transformar o contexto social em que vive. Deparamo-nos, porém, com uma triste realidade: em geral, as pessoas pouco têm acesso às informações e, se o têm, ficam com uma visão superficial das notícias, uma vez que, na maioria das vezes, contentam-se em informar-se apenas pelos telejornais. “Deu na televisão”, portanto, verdade irrefutável. Hoje em dia, a maioria das pessoas não gosta de ler. Como poderemos resolver esse impasse quando tal problema afeta alunos e professores?

Trazendo o jornal para as aulas de leitura, tanto professores como alunos terão ao seu alcance material informativo que lhes dará a oportunidade de tomar contato com as notícias, refletir sobre elas, compará-las, levantar hipóteses, discutí-las e procurar comprovar essas hipóteses no decorrer do processo de leitura.

* Professora de Língua Portuguesa da EEPG Prof. Durval Guedes de Azevedo, de Bauru e professora de Língua Portuguesa e Comunicação Empresarial da Unip – Universidade Paulista, campus de Bauru.

Não se trata, entretanto, de utilizar o jornal em sala de aula só como pretexto para o ensino de regras gramaticais, mas de uma orientação dinâmica de leitura, pela qual o aluno tenha a oportunidade de expor suas idéias, de discutir o "como" este ou aquele texto foi elaborado, em função de uma situação de comunicação e em função dos objetivos do enunciador (sujeito-jornalista).

O enunciador, quando produz o seu enunciado (seqüência acabada de palavras de uma língua), tem objetivos específicos:

- papel que quer representar junto ao leitor;
- tipo de leitor a que o texto se destina;
- tópicos do texto que pretende ressaltar;
- veículo de comunicação que será utilizado;
- itens lexicais e estrutura das frases.

Tais objetivos fazem parte o processamento do texto, isto é, da construção do significado. Cabe a nós, professores, definir estratégias que levem o aluno a perceber como o texto foi elaborado e com que fim. Definir estratégias, ajudar os alunos a refletir sobre questões lingüísticas em suas relações com o extralingüístico é papel dos professores nas aulas de leitura. O aluno será, ao efetuar esse processo interativo de leitura, constantemente desafiado a elaborar estratégias, a testar a sua capacidade de memória e a acomodar novos conhecimentos.

Mas como podemos trabalhar com o texto jornalístico em sala de aula, se nossos alunos, em sua grande maioria, não estão acostumados a ler jornais?

Se pensarmos em atividades com o jornal em sala de aula, que atinjam desde os primeiros contatos com jornais e revistas até o aprofundamento de sua leitura e produção de textos jornalísticos, que as façamos em diferentes fases:

- a) entrar em contato com o jornal;
- b) conhecer o jornal;
- c) visitar o jornal;
- d) aprofundar a análise e a prática do jornal. (Faria: 1998, 19)

Faria (op. cit., p. 20) sugere, também, três pontos básicos pelos quais o professor conduzirá a classe durante o processo das atividades com o jornal:

- na maioria dos casos, é preciso começar o processo, abrindo à classe a possibilidade de *levantar hipóteses* sobre o assunto, apoiada nos conhecimentos que já possa ter do que se trata; essas hipóteses serão verificadas no decorrer do trabalho;
- conduzir a classe com *perguntas de compreensão* sobre o texto. São perguntas que induzem os alunos a levantar hipóteses pertinentes sobre o caso estudado... Só no caso em que a classe esgote as tentativas de compreender a questão por si mesma, o professor fará uma intervenção direta, salvo em alguns casos especiais...;
- outro ponto fundamental é levar os alunos a buscar indícios que comprovem suas hipóteses ou aquilo que estão procurando no jornal.

Em outras palavras, partir de uma leitura assistemática ou intuitiva para uma leitura mais aprofundada na prática da leitura do jornal.

Tomemos como exemplo a apresentação de alguns jornais para os alunos. É importante que os deixemos primeiro levantar hipóteses de como os jornais são estruturados e, partindo das descobertas dos alunos, o professor oriente-os no levantamento dos indícios que comprovem suas tentativas de entendimento da estruturação dos jornais (Todos os jornais são setorizados em cadernos? Como são organizadas as primeiras páginas? Todos têm os mesmos elementos na primeira página etc.).

A idéia fundamental é que professor-leitor e aluno-leitor procurem dialogar quando da produção da leitura, por meio de um processo dinâmico de orientação, levando em consideração as descobertas do aluno, suas estratégias de leitura e sua visão de mundo.

Objetivamos, com essa postura, um aluno mais participativo, que saiba identificar no texto as marcas que o levam à produção do sentido, que tenha consciência da interação que existe entre leitor e texto e que saiba que a produção de significado exige dele atividades cognitivas e lingüísticas que precisam ser explicitadas.

Tomando consciência das marcas lingüísticas, o aluno entenderá melhor o texto, pois será capaz de reconhecer marcas gramaticais que o enunciador utilizou quando assumiu o seu enunciado e, por conseguinte, chegará com maior facilidade ao sentido do texto.

O que consideramos marcas lingüísticas e como ajudar os alunos a reconhecê-las?

Podemos citar a título de exemplo: os tempos e modos verbais; os itens lexicais (escolha vocabular) que funcionam como operadores argumentativos (ou operadores de discurso); a maneira como o enunciador inter-relaciona, no texto, diversos campos lexicais de maneira a produzir novas significações etc.

Examinemos algumas manchetes d' *O Estado de S. Paulo*, de 16 de fevereiro de 1998 (segunda-feira):

"São Paulo e Palmeiras *jogam* na terça-feira". (p. E1)

"Índia *inicia* eleições sob o impacto de 81 mortes". (p. A12)

"Modems 56K *causam* muita confusão". (Informática)

Verificando os verbos de cada enunciado (manchete), podemos notar que todos estão no presente do indicativo (tempo comumente utilizado na elaboração da manchete); entretanto, cada verbo tem um valor temporal diferente do outro: *jogam* tem valor de *futuro*, uma vez que a ação de jogar está em prospecção com relação à data do jornal (tempo-zero – segunda-feira); *inicia* tem valor temporal de *presente*, pois buscando a notícia desenvolvida na página interna, teremos a informação de que as eleições na Índia começam na mesma data do jornal (tempo-zero da enunciação) e o verbo *causam*, modificado pelo advérbio *ainda*, já nos passa a idéia de continuidade do passado para o presente, ou melhor, os Modems 56K *causavam* e *continuam causando* muita confusão. Geralmente, as manchetes vêm com o verbo no presente para atualizar o fato, e comparando-a com o desenvolvimento do texto, poderemos identificar o valor que o enunciador pretendeu dar ao verbo.

Podemos nos perguntar em que tais marcas podem nos ajudar a compreender melhor o texto jornalístico e como a presteza em encontrá-las poderá nos ajudar a ficar mais críticos na leitura de um texto. À medida que vamos adquirindo a habilidade em encontrá-las e entendê-las, vamos entendendo que o enunciador tem uma intenção comunicativa e que é por meio dessas marcas que nós leitores, ao transformarmos o enunciado em discurso, vamos reconstruindo o texto. O texto é um todo organizado em que expressão e conteúdo moldam-se. Cabe ao leitor identificar a intenção do enunciador quando lê o texto.

Apenas algumas atividades poderão ser desenvolvidas nesse espaço, mas outras sugestões poderão ser encontradas nos livros *O jornal em sala de aula* e

Como trabalhar o jornal em sala de aula de Maria Alice Faria (cf. bibliografia).

Passemos a analisar alguns elementos do jornal.

1. A estrutura do jornal

Gêneros jornalísticos

No jornal, as informações são divididas em diferentes "gêneros jornalísticos", dos quais podemos citar os três mais importantes: *informativo*, *opinativo* e *interpretativo*.

Jornalismo informativo

Segundo Nixon (apud Melo, 1985: 28) a função que corresponde ao *jornalismo informativo* é a observação da realidade, cabendo ao jornalista proceder como "vigia", registrando os fatos, os acontecimentos e informando à sociedade. As matérias informativas são encabeçadas normalmente por um *lide* ou *abertura*, que traz as principais informações a respeito do fato (quem fez, o que fez, onde fez, como fez, por que fez etc.). Procuram, também, narrar os acontecimentos sob a ótica das várias partes envolvidas, o mais objetivamente possível. Trazem informações a respeito das pessoas envolvidas, geralmente a idade, nomes de ruas, datas, citações dos entrevistados etc.

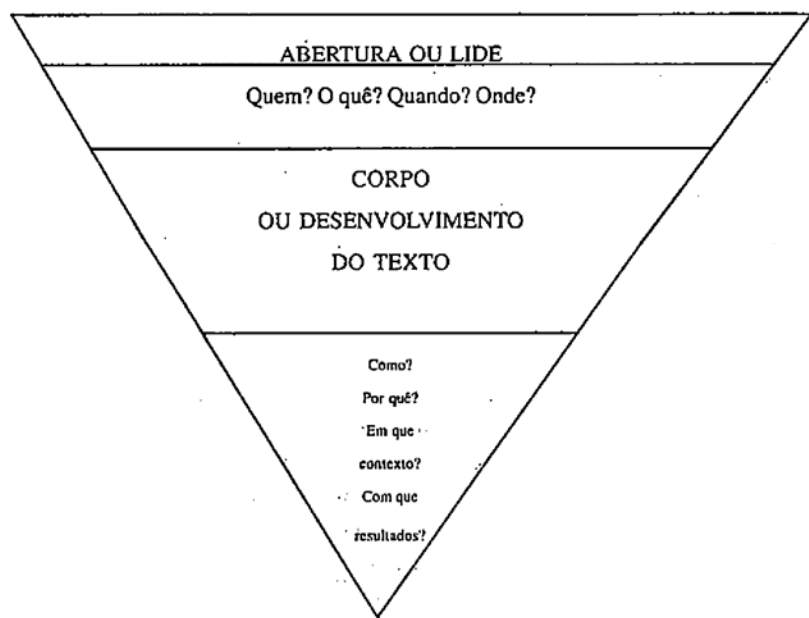
Como tal texto é elaborado?

Com frases curtas, informações objetivas, não-adjetivação (quando há necessidade de descrever uma cena, um local, um objeto, o jornalista (enunciador) utiliza-se de dados concretos, sem deixar dúvidas, retirados do extralingüístico, como por exemplo, citar um prédio de vinte andares e não um prédio alto.

O *lide* ou *abertura* contém os principais elementos que constituem os parágrafos iniciais de um texto de notícia.

De acordo com Pinto (apud Faria, 1996: 151), a elaboração do *lide* segue o processo da pirâmide invertida, que enfatiza a hierarquia entre os dados mais importantes e os dados complementares de uma notícia, como se segue:

A PIRÂMIDE INVERTIDA



Examinemos uma chamada da *Folha de S. Paulo* (FSP) e uma notícia desenvolvida nas páginas internas do *Notícias Populares* (NP) do dia 25 de fevereiro de 1998, abordando a mesma notícia.

Prédio que ruíu no Rio será implodido

A Prefeitura do Rio decidiu implodir o bloco 2 do condomínio Palace, onde apartamentos desabaram Domingo, na Barra da Tijuca. A estrutura ameaça cair. A operação deve ocorrer em quatro dias. A interdição dos prédios vizinhos ao que ruíu, também da construtora do deputado Sérgio Naya (PPB-MG), elevou para 1.200 o número de desabrigados. Ainda há sete corpos soterrados. (*Folha de S. Paulo*, p. 3-9 a 3-11)

Quem? A Prefeitura do Rio.

O que? Decidiu implodir o bloco 2 do condomínio Palace.

Onde? Na Barra da Tijuca.

Quando? Em quatro dias (a contar do dia 25.2 – tempo-zero – data do jornal).

*Prédio desabado**Novo tremor assusta os bombeiros no Rio*

Os trabalhos de buscas dos corpos soterrados nos escombros do bloco 2 do condomínio Palace, no Rio, foi interrompido ontem por volta das 4h30 da tarde. Isso foi necessário por causa de um novo tremor no prédio, que teve grande parte desabada no último domingo.

Na hora do segundo tremor, 35 bombeiros trabalhavam no local. Eles tentavam procurar uma das sete pessoas que provavelmente estão soterradas. Algumas placas de vidro foram colocadas entre as rachaduras do prédio pra que servissem de "aviso". Caso o edifício tremesse, as placas seriam rompidas e os trabalhos suspensos. E foi exatamente isso que aconteceu. Quando as placas se romperam, um enorme estrondo foi ouvido. Um corre-corre danado também aconteceu. Os bombeiros retiraram até os guindastes que auxiliavam no serviço de perto do prédio. A área foi cercada pra que ninguém possa entrar lá. Agora, os bombeiros disseram que só retomam os trabalhos quando houver segurança. Pra isso, o serviço de escoramento deve ser feito. Mas ele também está prejudicado, pois as plantas do prédio sumiram. A prefeitura do Rio entrou na briga e deu um prazo de 24 horas à construtora Sersan pra que ela apresente os projetos do edifício. Apenas com esse projeto em mãos, é possível aos engenheiros reforçar as estruturas que sobraram pra que não haja outro risco de desabamento. (*Notícias Populares*, p. 3)

Quem? Os bombeiros (implícito no texto).

O que? Interromperam (foi interrompido) o trabalho de buscas dos corpos. Soterrados nos escombros do bloco 2 do condomínio Palace.

Onde? No Rio.

Quando? No dia anterior da data do jornal, às 4h30 da tarde (24/02).

Ao comparar a abertura da *Folha de S. Paulo* e a notícia do *Notícias Populares*, notamos enfoques diferentes: o enfoque dado pela FSP está centrado no desabamento do prédio e na sua futura implosão; já o enfoque dado pelo NP volta-se para a ação dos bombeiros e para o sentimento de medo devido à falta de segurança nos trabalhos de resgate. Podemos notar, então, que a construção do significado de uma notícia também vai depender do termo de partida utilizado pelo enunciador (jornalista). Daí, de certa maneira, poderemos dizer que, apesar do texto informativo ser composto por uma linguagem objetiva, algumas marcas de subjetividade poderão ser encontradas: lugar que o texto ocupa na página, enfoque dado à notícia, escolha vocabular etc.

Como podemos, então, identificar um texto informativo no jornal?

Como exemplo, voltemos a verificar a abertura da notícia da FSP:

Informações objetivas:

- decisão da Prefeitura de implodir o bloco 2;
- nome do condomínio, do bloco;
- local onde aconteceu o fato;
- nome do dono da construtora;
- número de desabrigados;
- número de corpos soterrados.

Jornalismo opinativo

Ainda segundo Nixon (apud Melo, 1985: 96), diante da divulgação de uma notícia, o jornal reage, difundindo opiniões próprias. É a função do *jornalismo opinativo*. O jornal esforça-se por influenciar seus leitores por meio de seus editoriais, artigos e colunas assinadas. No caso de artigos e colunas assinadas, o jornal deixa claro que as opiniões são de inteira responsabilidade do autor. Os editoriais, entretanto, são *opinião do jornal* diante dos fatos de maior repercussão no momento. Os editoriais são dirigidos à coletividade, pois a opinião contida nele é um indicador que pretende orientar a opinião pública. São textos que se preocupam em defender uma tese-argumentação, ou seja, convencer o leitor da validade de seus conceitos.

Observemos um editorial do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 25.2.1998.

Desastre no rio

Ainda não há laudo técnico nem perícia, mas a empresa Sersan, que construiu o edifício de 22 andares que desabou no Rio de Janeiro, “quer crer” que não tem responsabilidade pelo desastre que pode ter matado oito pessoas – espera-se que não – privou 44 famílias de suas casas e por ora, desabriga cerca de outras centenas, vizinhas do desastre.

A Sersan sabe que não há avaliação precisa do acidente, e que o declarou em leviandade de insinuar que os culpados seriam alguns moradores do prédio, que teriam executado obras indevidas. A alegação, em si mesma no mínimo polêmica, segundo a opinião dos engenheiros, é ainda mais suspeita se considerados os pareceres que apontavam problemas na base da sustentação do edifício.

Mas, além dessa mostra de precipitação e de falta de decoro, a empresa não colabora com o trabalho de resgate das vítimas. Até o final da tarde de ontem, segundo o Corpo de Bombeiros e a prefeitura carioca, a Sersan não havia fornecido a planta do edifício, o que facilitaria a procura dos soterrados, talvez ainda vivos.

Esses episódios lamentáveis, que vêm se seguindo ao desastre, já não auguram um correto desenrolar para o caso. No que diz respeito à qualidade de engenharia do edifício, evidentemente ainda não há base alguma para acusar a empreiteira, mas desde já é preciso estar muito alerta. Sabe-se muito bem com que frequência acidentes desse tipo são mal investigados, envolvidos em chicanices e outras vergonhas, as quais contribuem para que negligências criminosas terminem impunes.

Vale lembrar que neste ano se completa uma década do naufrágio do “Bateau Mouche”, barco que afundou por ocasião de outra grande festa carioca, o Réveillon de 1988, matando 55 pessoas. O caso ainda corre nos tribunais, e foi criada até mesmo uma organização não-governamental – Bateau Mouche Nunca Mais – para acompanhar os processos. Espera-se, desta vez, que se faça Justiça com celeridade e que se punam logo os culpados pelo desastre.

A tese de argumentação apresentada pelo autor do editorial é a impunidade dos responsáveis pelos grandes desastres que acontecem no Brasil e a falta de empenho da Justiça em acelerar as investigações. O enunciador desenvolve seu texto apontando premissas que embasam a sua argumentação: a falta de um laudo técnico; a leviandade com que a Sersan fez declarações a respeito do fato, isentando-se de responsabilidade; a falta de colaboração da Sersan com o trabalho de resgate das vítimas; o “sumiço” das plantas do edifício...

Alerta os leitores para a frequência com que acidentes desse tipo são mal investigados e termina lembrando o naufrágio do Bateau Mouche (fato acontecido há dez anos e ainda sem solução), denunciando a morosidade da Justiça para punir os culpados.

O que fica claro nesse editorial é a posição do jornal sobre o assunto: pede maior celeridade para a punição dos culpados em desastres desse porte e alerta os leitores para as “vergonhas” e negligências da Justiça. É um texto polêmico, que faz o leitor refletir sobre o problema e tomar uma posição frente ao fato.

Se fizermos um cruzamento de campos semânticos utilizados nesse editorial, notaremos que tudo nos leva a uma só conclusão: a impunidade.

Observemos: *Sersan*: responsabilidade; leviandade; omissão; improbidade; desconfiança; *Justiça*: investigação; chicanices; vergonhas; negligências; morosidade; impunidade.

Jornalismo interpretativo

Na medida em que informa e orienta, o jornal contribui para enriquecer o acervo de conhecimentos da comunidade. Os fatos são esclarecidos, explicados, detalhados. Essa função corresponde ao **jornalismo interpretativo**.

O texto interpretativo objetiva mostrar vários aspectos da questão abordada, identificar causas e motivos, efetuar análises e comparações ou fazer previsões. Nesse tipo de texto, o autor recorre às comparações, à ironia e utiliza bastante os adjetivos. Geralmente, começam com uma frase de efeito para atrair a atenção do leitor.

Leiamos um artigo assinado por Carlos Heitor Cony, da FSP de 25.2.98:

Inferno astral

Carlos Heitor Cony

Rio de Janeiro – Não sou entendido nem aprecio esses babados, mas sempre ouvi dizer que, antes do aniversário de cada um de nós, as coisas desandam e se atravessa aquilo que ficou catalogado como inferno astral.

Ora, o Rio faz anos agora em março, e isso poderia explicar a série de calamidades que atravessamos. Como se não bastassem as enchentes, o incêndio no Santos Dumont, os apagões e o Carnaval chinfrim

que desfilou no Sambódromo, tivemos o desabamento de um prédio que só matou oito pessoas, quando podia ter matado mais de cem.

Tudo junto, dá para pensar em inferno mesmo. Durante a enchente, são famílias da classe mais pobre que em menos de meia hora perdem tudo, seus sofás, suas camas, sua geladeira, seus trechos de cozinha e de viver. Têm de recomeçar do zero. Bem ou mal, a casa ou o barraco, passada a chuva e retirada a lama, podem ajudar no eterno recomeço de vida.

No caso do desabamento, foram mais de 40 famílias da classe média, a maioria pagando as prestações da primeira casa própria que, em menos de um minuto, ficaram com a roupa do corpo – e já se deram por felizes por não aumentar o número de mortos.

Tudo isso revela a já decantada falência das grandes cidades – embora haja cidades maiores do que o Rio sem o confronto diário com esse pacote cruel de desgraças. O prefeito diz que não é ele que chove. A Light e a Cerj garantem que a culpa pelo colapso do sistema de luz e força não é delas. O incêndio no aeroporto foi letal porque os hidrantes sem água, as mangueiras furadas e as escadas com artrite não funcionaram como deviam.

Culpar os astros por tudo isso é uma explicação, mas não chega a ser uma solução. Não há culpados específicos. O cipal de atribuições dilui responsabilidades. Até o Carnaval foi broxante neste ano. O desfile está se tornando chato. Desculpem o mau humor. Também faço anos em março e atravesso meu inferno astral particular.

O articulista vale-se de um conceito já introjetado na sociedade para iniciar seu texto: que cada um de nós, antes do aniversário passamos por um período, segundo a astrologia, denominado inferno astral.

Utilizou-se desse recurso, inclusive usando uma gíria, “babados”, para se situar mais próximo do leitor e antecipar a sua conclusão: que não aprecia isso. Passa, em seguida, a lembrar ao leitor que o Rio faz aniversário em março e, por isso, também está em seu inferno astral. Faz-nos pensar no Rio como um ser que sofre. Humaniza a cidade considerando essa possibilidade: desabamentos, enchentes, incêndios, condições precárias da rede de água e dos materiais usados pelos bombeiros, tudo isso sendo consequência do período astral pelo qual o Rio está passando.

Ironicamente, apresenta uma situação desesperadora, o que de certa maneira choca o leitor: “desabamento que só matou oito pessoas”; “passada a chuva e retirada a lama, podem ajudar no eterno recomeço de vida”; “e já se deram por felizes por não aumentar o número de mortos”; “o prefeito diz que não é ele que

chove”; “culpar os astros por tudo isso é uma explicação”; “as escadas com artrite” (com dificuldade de locomoção).

Utiliza-se da adjetivação para dar mais colorido ao seu texto: “eterno começo de vida”; “decantada falência; grandes cidades”; “pacote cruel de desgraças; escadas com artrite” (artríticas); “culpados específico”; “desfile chato”; “mau humor”; “meu inferno astral particular”.

Enfim, faz o leitor refletir, em um único texto, sobre tudo pelo que o Rio vem passando pela negligência das autoridades. Podemos notar pela escolha da elaboração do texto em 1ª pessoa, e pela maneira como o articulista produziu seu texto, marcas de subjetividade, ou, em outras palavras, interpreta a realidade à sua maneira para explicar os fatos.

A primeira página

Para que serve a primeira página de um jornal?

A primeira página tem as funções de resumir os conteúdos do jornal do dia, servir de guia para a leitura das notícias que mais chamaram a atenção do leitor; funciona como um grande índice. Existe nela uma organização própria que lhe confere objetividade e rapidez na leitura. Indica em que caderno e em que página do caderno, a notícia aparecerá desenvolvida.

A primeira página é um macrotexto composto por microtextos (índice, chamadas, manchetes, cabeçalho, fotos, legendas etc.) cuja leitura também pode ser feita, buscando marcas de subjetividade.

Como exemplo, escolhemos trabalhar alguns aspectos da primeira página dos jornais FSP e ESP do dia 25.2.98.

A FSP apresenta uma foto colorida de um carro alegórico da escola Viradouro com a legenda “Carro alegórico da escola Viradouro, que desfilou com o enredo ‘Orfeu, o Negro do Carnaval’ e é uma das favoritas no Rio”. Não apresentou nenhuma foto da Mangueira, mas a manchete diz “Viradouro e Mangueira são favoritas”. Inicia a chamada com “A Unidos da Viradouro é a favorita para ganhar o Carnaval carioca de 98. Atual campeã, a escola foi a que melhor se apresentou na segunda noite dos desfiles no Rio [...] A Mangueira, que homenageou Chico Buarque, é outra com boas chances”. Podemos notar a clara preferência em termos de notícia que se deu para a escola Viradouro, em detrimento da Mangueira.

Já no ESP há duas fotos coloridas, uma da formação da imagem de Chico Buarque (alusão à música “Retrato em branco e preto”, de sua autoria com Tom Jobim) e outra de Joãozinho Trinta tirada por um ângulo que dá a impressão que Joãozinho vem usando um adereço de cabeça de um dos destaques da escola (alusão à criatividade do carnavalesco?). A manchete vem bem pequena em relação ao tamanho das fotos e coloca a Mangueira em primeiro lugar: “Mangueira e Viradouro, favoritas.” Fica clara a intenção do jornal em mostrar o “duelo” entre duas personalidades, levando o leitor a se perguntar “Quem irá vencer, Chico Buarque ou Joãozinho Trinta?”

Podemos inferir também essa postura pela chamada, que coloca em confronto a presença de Chico Buarque vs. a criatividade de Joãozinho Trinta: “A presença de Chico Buarque, homenageado pela Mangueira, e a criatividade do carnavalesco Joãozinho Trinta (dir.), que desenvolveu o tema do samba-enredo da Viradouro, ‘Orfeu, o negro do carnaval’, sacudiram o público do desfile das escolas de samba do Rio na noite de segunda-feira[...] A verde-e-rosa e a Viradouro são as duas favoritas do público[...]”. Nota-se, portanto, que o ESP colocou as duas escolas em pé de igualdade, ambas com chance de vencer (fotos das duas escolas; texto coerente com a manchete).

ATIVIDADES: Localizar alguns dos componentes numa primeira página de jornal e quais as notícias mais importantes (manchetes da primeira página). Compará-las pelo menos em dois jornais para observar a ordem de importância dada por cada jornal.

Cadernos e Seções

A noção de setorização utilizada pelo jornalismo moderno decorre da necessidade de agilizar a leitura dos jornais e de direcionar a busca do leitor de acordo com seu interesse pelos assuntos. A correria da vida moderna deixa pouco tempo para a leitura mais aprofundada de um jornal, tendo em vista a veiculação cada vez mais ágil de notícias.

O uso de cadernos e seções direciona a leitura por assuntos, proporcionando ao jornal maior objetividade na segmentação e uma facilidade maior na localização dos assuntos.

Para que tenhamos conhecimento dessa segmentação, podemos nos reportar aos jornais locais de domingo:

Jornal da Cidade: 1º Caderno, Brasil, Economia, JC nos Bairros, JC Cultura, JC Regional, Classificados, JC Criança.

Diário de Bauru: 1º Caderno, Política e Economia Nacional, Dia-a-Dia, Esportes, Cultura etc., Classificação.

Os cadernos especializados também apresentam seções, como por exemplo, Broncolino no *Jornal da Cidade*.

ATIVIDADE: Em grupos, procurar separar os cadernos de um jornal, levantar os assuntos tratados em cada caderno e procurar pelas principais seções em cada caderno.

Aliar o conhecimento da estrutura dos jornais à leitura não é uma tarefa fácil. Teremos de nos habituar com a leitura diária de jornais para podermos orientar as atividades propostas aos nossos alunos. As atividades terão de ser cuidadosamente planejadas para não correremos o risco de esvaziá-las. Muitas questões surgirão com essa prática de leitura em que se estimula uma interação do leitor com o texto, portanto, cabe a nós, professores, explorarmos os textos em todas as suas possibilidades para podermos ser os incentivadores para a leitura.

Bibliografia

- FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1995.
- MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

Abstract: This paper intends to guide teachers and students in relation to the use of newspaper in classroom. So that, it makes a dynamic orientation of reading, by means of which the student can have the opportunity to expose his ideas and discuss about the elaboration of the text, considering the communicative situation and objectives of the communicate.

Keywords: author; reader; interaction; journalistic text; argumentation

ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

Patrícia de Ávila Vecchiato *

Resumo: O objetivo do texto é apresentar estratégias de ensino/aprendizagem sobre coesão e coerência textuais em séries do ensino fundamental, mais especificamente de 5ª a 8ª séries.

Palavras-chave: Coesão; coerência; textualidade; sentido; (des) construção textual

É sabido por nós, profissionais da linguagem, que muitos problemas rondam o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, problemas estes que vão desde a má formação do professor até o desinteresse do aluno. As adversidades do processo educativo não são, aqui, objeto de reflexão. No entanto, é necessário ter claro que há obstáculos que deveremos transpor para alcançar com eficácia as nossas metas pedagógicas, com a consciência de que eles podem influenciar no resultado deste processo: o trabalho na sala de aula.

Dentre esses obstáculos, podem ser citados: a) a inadequação do livro didático, que muitas vezes é incoerente com a proposta pedagógica; b) a falta de clareza para o aluno do que é um texto, língua e linguagem; c) a dificuldade em, muitas vezes, trabalhar a gramática desarticulada da produção de texto.

Para alcançar seu objetivo (ensinar o aluno a ler e produzir textos) o professor deve saber o que é um texto, as regras que regem a sua estrutura e contribuem para a sua significação, isto é, coesão e coerência. E, acima de tudo, ter em mente que todo texto gira em torno de um tema, de um assunto. Logo, para o aluno ter estímulo para escrever, ele precisa ter sobre o quê escrever; é necessário que ele

* Professora da rede particular de ensino do estado de S. Paulo.